

PLURALISMO

Zinda Vasconcellos (UERJ)

Fiorin, José Luiz (org.). *Introdução à Lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003, 228 p.

Recentemente, em resposta a uma necessidade longamente sentida, têm surgido obras de introdução à Lingüística em português, destinadas em princípio a alunos de graduação. O livro resenhado é o segundo volume de uma dessas obras. O primeiro, editado no ano anterior, se propunha a apresentar os principais objetos teóricos criados pela Lingüística nos sécs XIX e XX. Este objetiva propiciar aos alunos/leitores o acesso a procedimentos de análise lingüística, e contém capítulos dedicados especialmente aos principais subdomínios dessa ciência: um para a Fonética; um para a Fonologia; um para a Morfologia; um para a Sintaxe; dois para a Semântica; um para a Pragmática; e um para os Estudos do Discurso. O texto de todos os capítulos é seguido por exercícios que permitem aos leitores a prática dos procedimentos de análise tematizados, e por sugestões adicionais de leitura, comentadas, que constituem um guia importante para o aprofundamento dos leitores interessados nos conteúdos tratados.

O livro é particularmente bem sucedido na tarefa a que se propõe, que não é simples. Apesar da boa vontade dos professores-autores que se dedicam a escrever obras introdutórias para alunos de graduação, é muito difícil, no pouco espaço de que se dispõe normalmente, conseguir cobrir abrangentemente e de modo organizado um dado subdomínio disciplinar em linguagem acessível a alunos universitários de hoje, e sob uma perspectiva teórica atualizada mas que não exija o apelo a conhecimentos prévios

sobre estágios teóricos anteriores que os alunos/leitores não têm. Na maioria dos capítulos desse livro os autores conseguiram isso num grau bastante alto; quando inevitável, sacrificaram a abrangência ou a atualização teórica, mas não a clareza expositiva ou a autonomia relativa do texto diante de conhecimentos prévios pressupostos, o que me parece uma decisão acertada num livro introdutório. Passarei a comentar separadamente os diversos capítulos.

O capítulo sobre Fonética se inicia por uma distinção clara e simples das perspectivas fonética e fonológica de abordagem dos sons da linguagem. Depois menciona o fato do estudo fonético abarcar propriedades segmentais e supra-segmentais, e poder realizar-se com base em propriedades definidas de um ponto de vista articulatorio, auditivo ou acústico, para a partir daí concentrar-se exclusivamente na apresentação das dimensões articulatorias que permitem a descrição dos segmentos de fala – decisão bastante razoável tendo em vista a previsível dificuldade de iniciar alunos de Letras nos parâmetros acústicos de descrição, e a complexidade, e maior dependência para com um histórico de considerações teóricas, dos estudos atuais de Fonologia supra-segmental. Senti falta, no entanto, de uma maior problematização da relação entre os aspectos contínuos e discretos da fala: do modo como o texto apresenta a segmentação da fala em fones parece até que tal segmentação é “natural”, não representa já uma abstração face ao sinal bruto; e isso pode reforçar a impressão, que os não lingüistas tão freqüentemente têm, de que a escrita é uma representação perfeita da fala.

O capítulo sobre Fonologia também insiste na diferença entre as abordagens fonética e fonológica, e também se limita à Fonologia Segmental. Faz em seguida uma apresentação bem clara e compreensível dos conceitos fundadores da Fonologia estruturalista, como os conceitos de fone X fonema, de diversos tipos de alofones, de neutralização e arquifonema, bem como dos principais métodos usados para a determinação dos fonemas de uma língua. Na continuação, ultrapassa o âmbito dos conceitos e pro-

cedimentos de análise puramente estruturalistas, chegando pelo menos até o espírito da Fonologia Gerativa “clássica”, com a apresentação dos conceitos de traços distintivos como universais fonológicos, classes naturais e processos, introduzindo os leitores no uso de alguns recursos formais de notação dos processos fonológicos enquanto regras. Vale notar ainda que os traços distintivos já são apresentados não em matrizes de traços/valores mas hierarquicamente, sob formas de árvores de decisões sucessivas, o que é um procedimento mais atual que o da Fonologia Gerativa clássica.

O capítulo sobre Morfologia, a meu ver, foi um pouco infeliz na sua organização tópica, incidindo em problemas de seleção, sistematização e seqüencialização dos conteúdos tratados. Inclui certos conteúdos que não se percebe muito bem nem por que foram escolhidos em detrimento de outros nem por que entram no texto no ponto em que o fazem – na minha opinião, é caso da classificação das línguas de Schegel/Schleicher, em relação à qual os próprios autores manifestam muitas ressalvas – e incorre em “idas e vindas” dos mesmos temas e até no uso de dados termos teóricos antes que eles sejam conceituados (como ocorre com o termo morfema, usado já na p. 61 mas só definido na p. 62). Gostei especialmente da discussão, breve e simples porém problematizada, do conceito de palavra, e do esclarecimento quanto ao fato da Morfologia poder ter como unidade de estudo o morfema ou a palavra. Fora isso, a perspectiva teórica de tratamento dos conteúdos do domínio é a estruturalista.

Dando um pulo na seqüência dos capítulos do livro, comentarei agora o relativo à Pragmática, que é do mesmo autor responsável, no primeiro volume da obra, pelo capítulo que tematiza o uso da linguagem como objeto teórico. Mas, contrariamente àquele outro capítulo, que abrange um leque bem maior de fenômenos lingüísticos de natureza pragmática, este escolheu tratar basicamente do reflexo, nas categorias das línguas, da dimensão enunciativa da linguagem, desenvolvendo com alguma extensão as categorias de pessoa, tempo e espaço e terminando pelos

mecanismos de discursivização dessas categorias. O texto é semeado de exemplos das categorias e mecanismos sobre os quais discorre, o que facilita bastante a sua compreensão – embora, a meu ver, essa se torne um pouco mais difícil no fim do capítulo, em especial na parte relativa à embreagem enunciativa.

O capítulo sobre os Estudos do Discurso se depara com uma opção – na verdade, um problema – que me parece dificilmente evitável por quem quer que trate desse tema. Dada a profusão de linhas teóricas concorrentes que enfocam o discurso, inclusive conceituando diferentemente o que querem dizer com o termo discurso e recortando diferentemente os fenômenos que fariam ou não parte do campo, fica quase impossível fazer uma apresentação a um só tempo abrangente e sistemática e coerente da área, tornando-se necessário optar ou por uma “colagem” de abordagens diferentes, com prejuízo da sistematicidade e da coerência, ou pela restrição a uma perspectiva teórica específica, que prejudica uma panorâmica abrangente desse domínio de estudos. O capítulo em questão optou pela segunda alternativa: depois de um breve levantamento de pontos em comum entre diversas abordagens do discurso, fez sua apresentação dos fenômenos da área exclusivamente a partir da perspectiva teórica da semiótica discursiva de linha francesa. Essa foi sem dúvida uma decisão coerente e de valor educativo, mas também me parece que, do ponto de vista de um capítulo introdutório sobre esse domínio de estudos, um tal centramento numa perspectiva única, e nem tão difundida assim, acarreta também uma certa diminuição da relevância e interesse do capítulo. Considero ainda que o grau de complexidade desse capítulo é maior que o dos outros capítulos do livro, o que prejudica a sua compreensão; em particular considero que as análises de texto com que a autora exemplifica os conceitos tratados são tão perspicazes e brilhantes que podem propiciar um efeito negativo, de despertar nos leitores/alunos um sentimento de inferioridade, por se sentirem incapazes de fazer por conta própria exercícios analíticos semelhantes.

Retorno na seqüência ao capítulo que é o meu preferido do livro, a Sintaxe, também um campo marcado por uma heterogeneidade muito grande e, nela, não se pode sair dessa dificuldade por meio da solução, tantas vezes adotada quando são feitas apresentações preliminares de procedimentos de análise fonológicos ou morfológicos, de se restringir o estudo da área ao “estado da arte” próprio ao período final do domínio da perspectiva teórica estruturalista – que já é ela mesma, no que diz respeito à Sintaxe, bastante mais heterogênea que naqueles outros domínios. As autoras do capítulo, no entanto, encontraram, a meu ver, uma solução bastante feliz diante desse problema. Não fizeram colagem de teorias concorrentes nem se restringiram à apresentação de uma perspectiva teórica demasiado específica. Embora apoiadas num embasamento teórico claramente perceptível para quem é do ramo, optaram por despertar a atenção dos alunos/leitores para os principais fenômenos sintáticos em si mesmos, usando como meio para obter isso o apelo à própria intuição deles sobre tais fenômenos. O item no qual tematizam as classes de palavras, por ex., é emblemático do sucesso dessa estratégia. Usando palavras inventadas, mas com marcas morfológicas regulares e propriedades semânticas e distribucionais claramente dedutíveis dos contextos em que são usadas, conseguem fazer que os leitores “redescubram” os critérios de classificação, incentivando-os a pensar com base no tratamento sistemático dos dados, em vez de se apoiarem em classificações já feitas. Além das classes de palavras, o capítulo também selecionou, entre os conteúdos tratados, a estrutura de constituintes e a relação da estrutura sintática com a representação semântica das frases, em particular no que diz respeito à relação predicado/argumentos e ao modo como constituintes com diferentes funções semânticas “se projetam” na estrutura sintática.

Deixei os dois capítulos sobre Semântica para o fim porque, mais do que comentar o conteúdo específico deles, gostaria de retomar aqui uma questão levantada pelo prefaciador do livro ao justificar a existência de dois capítulos para o campo dos estu-

dos semânticos: a necessidade de desmistificar uma concepção “religiosa” de ciência, a partir da qual muitas vezes se toma a própria perspectiva teórica como a única “boa”, ou “verdadeira”.

Com efeito esses dois capítulos dialogam entre si, cada um deles defendendo uma perspectiva teórica contrária à do outro, e fazendo uma seleção diferente entre os fenômenos da área, cada um de acordo com a tradição teórica escolhida. No entanto cada um desses textos reconhece a existência e validade de outras abordagens, que apresentam também, sob a luz de sua própria perspectiva mas sem denegrimto nem distorções grosseiras, embora explicitando os motivos pelos quais preferem as que escolheram. O resultado disso é altamente pedagógico, expondo os leitores a visões diferentes entre as quais eles podem optar, e ajudando-os a perceberem que o conhecimento resulta de um processo de construção interpretativo do real, e não de uma “revelação” de uma verdade essencial prévia.

O tratamento de tal questão me parece particularmente importante neste momento porque tenho percebido uma mudança de orientação no modo de fazer livros introdutórios de Lingüística que me parece preocupante – o que foi um dos motivos pelos quais escolhi resenhar este livro, que também foge em parte ao modo tradicional de construção de manuais, mas na direção que me parece aconselhável, e não naquela que me inquieta.

Com efeito, até pouco tempo atrás, os livros introdutórios de Lingüística eram feitos do mesmo modo que são feitos, em geral, os “manuais” de diferentes disciplinas, ou seja, eram em sua maioria escritos a partir de uma perspectiva aparentemente “neutra e objetiva”, que procura apresentar os resultados mais gerais e menos controversos da área, minimizando ao máximo as diferenças entre as diversas correntes teóricas e, quando indispensável, apenas listando os pontos de vista alternativos, evitando se posicionar diante deles. Isso pode até ser justificável num estágio muito preliminar de apresentação dos conteúdos de uma disciplina, mas é sem dúvida uma atitude ilusória e que não favorece o desenvolvimento do espírito crítico dos leitores.

Recentemente, porém, tenho visto surgir no mercado obras que vão ao extremo oposto. São obras “militantes”, que não apenas se posicionam por uma perspectiva teórica dada, o que considero muito louvável, mas tendem a denegrir todas as outras, usando e abusando de auto-louvações e de clichês “pichativos” dirigidos às abordagens oponentes, não recuando diante de apresentações completamente distorcidas, inclusive do ponto de vista factual, das concepções dessas outras abordagens.

Isso me parece grave, sobretudo em obras de caráter introdutório, cujos leitores não têm conhecimentos prévios sobre as abordagens denegridas nem vivência própria na área de estudos que possam vaciná-los contra tais apresentações distorcidas, e correm o risco de incorporá-las acriticamente.

Sei que a neutralidade teórica absoluta é não só impossível como indesejável, e que algum grau de parcialidade na apreciação de concepções diferentes das nossas pode ser inevitável, porque o nosso embasamento teórico necessariamente efetua um “filtramento” e estabelece um ponto de vista a partir do qual os fenômenos do domínio são considerados. Mas há que haver pelo menos o desejo de evitar distorções grosseiras e factuais das perspectivas alheias, e respeito pelas diferenças. E essa foi uma qualidade que reconheci nesse livro resenhado de introdução à Lingüística: a conciliação entre a manifestação explícita dos posicionamentos teóricos a partir dos quais os autores falam, e de uma atitude de pluralismo e abertura por parte deles.